

Assassinos não dizem adeus

Romance policial

Tom Azevedo

Para Sandra

Capítulo 1

Uma jovem de dezessete anos foi estuprada e a seguir assassinada com dezessete facadas. Poucos dias mais tarde, outra jovem, esta com dezesseis anos, foi estuprada e assassinada como a primeira, por esfaqueamento, foi esfaqueada dezenove vezes.

As duas jovens se conheciam, eram amigas, os homicídios foram praticados da mesma forma nos dois casos, ambos precedidos de estupro, e a polícia relacionou a morte de uma à da outra.

Os namorados das duas jovens assassinadas foram presos como

suspeitos. A investigação policial concluiu que eles eram suspeitos e um juiz expediu uma ordem de prisão preventiva. E um terceiro suspeito foi preso, um indivíduo de mais idade, ao parecer sem nenhuma ligação com as famílias envolvidas.

As duas garotas assassinadas e seus respectivos namorados, também jovens, presos como suspeitos pertenciam a famílias ricas. O terceiro suspeito preso pela polícia era um indivíduo sem posses.

Ele foi preso por ter sido acusado por ambos os namorados das vítimas.

Os namorados eram suspeitos. Mas podiam estar falando a verdade.

* *

A polícia recebeu um telefonema anônimo.

- Uma moça foi morta. Nós achamos o corpo. Vou dizer onde é.

A pessoa que ligou informou o local do achado. E uma viatura policial se dirigiu a este local.

O detetive Lourenço Taviani saltou da viatura e andou por um matagal, um terreno baldio. A viatura policial chegou por ruas de terra esburacadas, uma estradinha, trilhas no meio do capim e daí por diante não existia mais caminho por onde passar com um veículo. Também não havia necessidade, pois o local do achado era próximo.

O detetive Taviani dirigiu-se a um grupo de pessoas que se encontrava no descampado. Ele não precisou falar nada. Assim que se aproximou do

primeiro homem, evidentemente com o fito de perguntar pelo corpo, aquele homem deu a resposta antes que ele perguntasse, também sem falar.

Ele fez um gesto com a mão, o indicador esticado, flexionou o braço direito e movimentou a mão por duas ou três vezes, na altura do ombro, indicando. Foi um gesto peculiar, achou o detetive. Aquele homem o olhou com um olhar sombrio e havia uma expressão de desgosto e censura no rosto macilento dele, torcendo um pouco o canto da boca – foi peculiar por haver também conformação na atitude daquele homem. E desânimo. Os seres humanos se conformavam, se submetiam, desaprovavam mas se dobravam diante de um poder mais forte.

Aquele homem poderia ser um parente afastado da vítima, analisou

Taviani. Parente próximo não era. Logo soube que ninguém naquele lugar ao menos conhecia a garota assassinada.

Um homem magro, de pele morena, mal vestido, não tinha aparência de bandido e para não estar no emprego a essa hora do dia com certeza integrava a legião de desempregados existente no país.

O local indicado era uma capoeira, havia umas árvores ali, depois do capinzal. O corpo estava lá, no meio das árvores e moitas de mato.

Em redor do corpo o detetive achou mais pessoas, olhando a garota morta.

Aquelas pessoas se mantinham a uma distância respeitosa.

Pessoas de boa índole que encontravam seres humanos mortos nunca ou quase nunca tocavam nos corpos – havia exceções -, justamente

para não prejudicar a investigação policial. Gente com consciência.

O detetive Taviani se agachou ao lado do cadáver e ficou olhando.

Calculou a idade da garota em dezesseis ou dezessete anos. Uma garota de cabelos louros, bonita, de traços finos, evidentemente não pertencia àquele ambiente de miséria e foi trazida de outro bairro – ela pertencia à classe média ou era de família rica.

A garota era linda como os anjos, admirou o detetive. Era inacreditável que alguém pudesse fazer com ela o que fez. Mas fez, alguém fez, havia mais um assassino à solta. E Taviani é policial e já viu muitas pessoas assassinadas antes, viu também mulheres bonitas assassinadas, anteriormente. Achou que nunca tinha visto uma tão bonita quanto

esta, nunca antes viu o cadáver de uma garota tão bonita vítima de homicídio.

Mas não se acostumava, não se conformava como o povo, isso tinha que acabar, não podia continuar a morrer gente dessa maneira, a sociedade não podia continuar a produzir bárbaros como mais esse assassino, logo seríamos todos torturados e mortos, assassinados de maneira brutal, as mulheres das nossas famílias seriam estupradas antes de serem assassinadas. Os assassinos não respeitavam nem mesmo crianças, estupravam e assassinavam meninas de poucos anos, para os assassinos todas as outras pessoas eram iguais, qualquer uma que não fossem eles mesmos podia morrer, e eles podiam matar a quem quisessem. O detetive Taviani era um revoltado.

Esta garota foi esfaqueada. Por encontrar-se nua, sem uma única peça de roupa no corpo, o detetive supôs que com certeza foi estuprada.

A garota jazia de costas no chão, um pouco de lado, o rosto voltado para aquele lado, o lado esquerdo, o braço direito flexionado sobre o corpo, o outro braço esticado ao longo do corpo, ligeiramente apartado do corpo, a palma da mão voltada para cima, os dedos um pouco encolhidos. A perna esquerda da garota mantinha-se esticada e a perna direita, flexionada como o braço direito, um pouco sobre a outra perna. Dava a impressão de que o assassino a empurrou para o lado, depois que a matou, já não havia mais vida no corpo dela quando ele a empurrou e ela rolou e ficou nesta posição. Ele desferiu facadas por todo o corpo dela, até nas pernas, nas coxas, nos

seios, nos braços, além de ter atingido as partes vitais, o peito e o abdome. E no rosto ele deu murros. A garota tinha os dentes quebrados, os lábios partidos, o nariz como que esmagado. E mesmo assim ele pôde ver que ela era bonita. Tinha hematomas por todo o corpo, além dos ferimentos a faca, esfoladuras, manchas roxas ao redor dos olhos. Ele deu murros nos olhos dela. O detetive Taviani imaginou o assassino, imaginou o assassinato. O assassino sentia prazer em dar facadas em sua vítima indefesa e por isso a esfaqueou nas coxas e na barriga da perna, para torturá-la, por gosto, antes de desferir os golpes fatais. A perícia iria contar dezessete golpes desferidos com a faca. Uma faca de ponta, de lâmina larga, como faca de cozinha, isto o detetive pôde perceber sem perícia. Ela foi morta naquele lugar.

O corpo dela, com os ferimentos, ficou untado de sangue da cabeça aos pés. O capim e a terra em volta dela ficaram encharcados com o sangue da garota morta, e esse sangue secou, como o que untou o corpo dela.

Taviani calculou que ela tivesse sido morta durante a noite. Era a melhor hora para assassinar pessoas. Agora eram onze horas da manhã.

O assassino a sequestrou no bairro elegante onde ela morava e a trouxe de automóvel a este lugar deserto, onde a estuprou e a assassinou a golpes de faca.

- Levanta daí. Para de olhar.

Outro policial, amigo de Taviani, o afastou do cadáver da garota. Sabia que ele era muito sensível.

A polícia científica fez a perícia no corpo e no local, depois de ver a garota

morta Taviani ligou para o delegado, na delegacia.

- Parece que a garota morta é a filha de Alberto Heriarte – informou.

O delegado não pensou duas vezes.

- Eu vou aí.

Pouco mais tarde o delegado chegou.

E tomou uma decisão.

- Eu não vou chamar Heriarte aqui – disse. – E nem ninguém da família. Eu tenho certeza que é a filha dele. Ele ou seja quem for da família vão ver a garota no necrotério. Deixa levar o corpo. Ele não pode ir, não vai suportar.

- Heriarte?

- Alguém mais da família tem que ir. Ele já teve um enfarte. Eu vou na casa dele.

- Talvez deva falar com outra pessoa da família antes de falar com ele – sugeriu Taviani.

Se se pudesse escolher com quem se vai falar, refletiu o delegado.

* *

O título do documento é “Violência”.
Começa assim.

“Vou tentar fazer disso um estudo da violência. Quero dar minha contribuição para a solução do problema da violência no Brasil. Vou passar uns tempos ditando nesse gravador, sempre que tiver uma folga, vou relatar meu dia a dia, como se fosse uma espécie de diário. Minha intenção é entregar esse documento, quando ficar pronto, aos políticos, os legisladores, posso enviar cópias a juízes, promotores e advogados e talvez também uma cópia para o

presidente. E outros países e a ONU e outras organizações internacionais. Talvez todos eles juntos não possam ou não queiram fazer nada e eu perco meu tempo. Mas talvez eu possa entregar o documento a cientistas, sociólogos. Historiadores, quem quer que se dedique ao estudo da violência e todos os problemas da sociedade. Se eu passasse um ano ditando todos os dias que puder nesse gravador o estudioso ou qualquer pessoa a quem entregar o documento teria um farto material. Mas eu entendo que a situação é desesperadora. Talvez passe só uns dois ou três meses ditando, ou só algumas semanas ou mesmo dias. A violência é tanta que o estudioso teria o farto material dele só com o relato de uns poucos dias na vida de um delegado de polícia.”

O delegado Enrico Céspedes contratou uma secretária e todos dias ela copiava as fitas cassete em um computador.

No dia em que o corpo de Marta Heriarte foi encontrado ele registrou no documento.

Guiando seu próprio carro, a caminho da residência de Alberto Heriarte, o delegado Céspedes ditou no gravador.

“Estou indo para a casa de Heriarte. Acabo de telefonar. Heriarte tem quase setenta anos, já teve um enfarte e ainda bem que não foi ele quem atendeu. Atendeu uma voz feminina. “Com quem estou falando?”. “Atália”. Atália é empregada doméstica na casa de Heriarte. Dei o recado a ela mesma. Foi até bom que não atendesse ninguém da família. “É o delegado Enrico. Vou aí

conversar com alguém sobre a investigação da polícia. Quem está em casa?”. Não disse do que se tratava. Ela avisaria à família e achei que desse modo já prevenia o espírito deles. Eu deduzi que os familiares que fossem informados do meu telefonema iriam supor que eu tinha notícias, e notícias podem ser boas ou ruins, eles não sabiam que a filha deles e irmã estava morta. Em situações como esta as pessoas temem o pior. Mas se agarram à esperança. Procuram não perder a fé em Deus.”

A fé em Deus não impede que as pessoas se desesperem.

O delegado falou com um guarda no portão da mansão de Heriarte, em Ipanema. Tanta segurança para nada.

-Eu liguei avisando que vinha – informou ao guarda. – Não avisei do que se tratava. Eu mesmo não sei ainda do

que se trata... – Para não alarmar o guarda, que transmitiria seu alarme à pessoa a quem desse a notícia. – Procura chamar alguém que não seja Heriarte. Aquele irmão mais velho da Marta... Se for possível avisa a ele e só a ele.

- Vou falar com ele – disse o guarda.
– Entra, delegado.

Todos os membros da família permaneciam em casa desde a véspera.

O delegado entrou. Deixou o carro do lado de fora.

Acompanhou o guarda por alguns passos.

- Diz ao Adelfo que vou esperar por ele aqui em baixo. Não quero entrar não.

- Está certo.

E dentro de poucos instantes Céspedes assistiu a mais uma luta de vida e morte entre a fé em Deus e o desespero.